

## RESENHA

MARCOS DE CARVALHO. O QUE É NATUREZA, SÃO PAULO, BRASILIENSE, 1991

O livro em apreço é uma história das representações humanas sobre a natureza desde antigos gregos até a atualidade. Destaca as modificações por que têm passado estas concepções e a ligação destas com as sociedades que as produziram. Divide-se em cinco pequenos capítulos. O primeiro "Natural, Sobrenatural, Artificial" introduz a questão, problematizando a dicotomia (tranquila) do senso comum, natural/artificial, seres vivos/seres inanimados. Conclui o capítulo a enunciação do objetivo da pequena obra: "o exame das variações(...) nas formas de querer e de ver" a natureza (p.16).

Iniciando sua viagem histórica, o autor, em "Natureza e Sociedade: uma Única História", rastreia as concepções sobre natureza desde as sociedades primitivas até a moderna teoria da evolução das espécies. É o capítulo central da obra, o mais extenso. Mostra como cada sociedade produz concepções de natureza consoante com as suas necessidades, o seu perfil cultural e social.

Partindo das sociedades primitivas onde não há lugar para a distinção entre o mundo natural e o mundo social, mostra como na Grécia antiga postula-se, pela primeira vez na tradição ocidental, a idéia de natureza enquanto autoridade: o social e o natural como realidades distintas, separadas. Analisa como na Antiguidade fixa-se a idéia de natureza como "tudo aquilo que não for produto do homem" (p.35). Com figuras como Aristóteles (384-322 a.C) e como Cláudio Ptolomeu constitui-se a idéia de natureza "orgânica, imutável, movida eternamente a partir de causas e fins predeterminados" (p.37). O fim da antiguidade e a emergência da idade Média, segundo o autor, não significou uma ruptura com a concepção antiga de natureza. O fim do feudalismo, entretanto, irá provocar o surgimento de uma nova

imagem da natureza. A dessacralização do mundo e o surgimento do conhecimento científico irão fixar a noção de natureza enquanto máquina em substituição à visão da natureza-mãe. Copérnico (1473-1543), Galileu (1564-1642), Kepler (1571-1630), Bacon (1561-1626), Descartes (1596-1650) e Newton (1642-1727) inauguram a visão de natureza como máquina em resposta ao novo mundo mental e material surgido com a crise do feudalismo e a emergência do capitalismo. Encerra o capítulo a análise do surgimento de uma nova cosmovisão: a "natureza evolutiva". De máquina que se repete ao infinito a natureza passa a ser pensada como algo que evolui, que se transforma constantemente. Segundo o autor, esta nova abordagem coaduna-se perfeitamente às idéias liberais vigentes na época, pois os modelos de natureza são sempre frutos de "exigências científicas, ideológicas e sociais" (p.55).

Um outro pequeno capítulo, "O Mundo Paralelo", discute a produção de modelos da natureza pelo homem. Mostra como a "mãe-natureza" dos primitivos, a "natureza orgânica" dos gregos, a "natureza sobrenatural" da Igreja e a "máquina inteligente" da atualidade são produções humanas, construções culturais datadas a situadas, e, portanto, **relativas**.

Na última estação da sua viagem investigadora, "Os Enigmas, Atuais e a Questão Ambiental", o autor trata das mudanças sociais e intelectuais ocorridas no decorrer do século 20 e seus efeitos sobre as visões de natureza. A partir das descobertas (ou investigações?) de Einstein, Planck, Bohr e Heisenberg a natureza sofre mais uma formidável mudança: "A natureza não é composta por partículas materiais, no sentido de coisas sólidas e palpáveis, mas sim pelos "resultados" das interações entre diversos fatores, por

sua vez também resultam de outra inter-relações, e assim por diante. Segundo uma comparação esclarecedora de um famoso físico, "não há dançarinos, somente dança" (p.72). A mais nova concepção de natureza, saída da física (quântica), traduz a concepção holística de universo. Avança, concomitante aos movimentos ecológicos das últimas décadas deste século.

Finalizando a obra, as "indicações para Leitura" apresentam uma vintena de obras onde o leitor iniciante poderá aprofundar a sua visão sobre o tema. Inclui clássicos como **Ciência e Filosofia - a Idéia da Natureza** de R. G. Collingwood e **Do Mundo Fechado ao Universo Infinito**, do historiador da ciência Alexandre Koiré.

**O Que é Natureza** é uma pequena grande obra. Leitura obrigatória para todos aqueles que conservam a capacidade de ficarem perplexos diante do mundo, da mutação constante das coisas, da transitoriedade de tudo. O autor é convincente quanto à sua tese central: cada sociedade produza

natureza que necessita. Obra de iniciação consegue o seu objetivo: introduzir o leitor nos meandros do problema da natureza. Adotando uma perspectiva histórica, o autor desmistifica a visão essencialista "naturalista" da natureza. Introduce o meio natural no rol dos objetos históricos, no campo das construções humanas. É de se lamentar, no entanto, nas "Indicações para Leitura" a ausência de Clement Rosset **A Anti-Natureza**. (Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, (1989), obra fundamental sobre as implicações filosóficas da idéia de natureza e que, inclusive, traz ampla bibliografia comentada sobre o tema.

Depois da leitura do livro fica difícil cultivar a crença em verdades infalíveis sobre o mundo natural. Deixamos, em diversos níveis - da evolução do pensamento, da "ecologização" da sociedade, dos engajamentos políticos e ainda, das sensibilidades individuais - o convite à reflexão sobre a emergência de novas relações entre os homens e a natureza e entre os homens.